

Mukwa: A árvore sagrada como metáfora viva da identidade africana(Um contributo etnolinguístico sobre a simbologia bantu e os nomes originários do imbondeiro)

Adilson K. P. Kambindangolo 

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-2452-5561>

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão etnolinguística sobre o nome tradicional da árvore popularmente conhecida como *imbondeiro*, argumentando que a sua designação original nas línguas bantu — como *mukwa* (árvore) e *makwa* (fruto) — foi deturpada pelo contacto colonial e pela interferência grafonológica do português. O estudo visa resgatar a nomeação autêntica desta árvore sagrada nas línguas nacionais de Angola, valorizando o seu significado simbólico, espiritual e identitário. Por meio de análise linguística e histórica, revela-se que nomes como *mbondo*, *omukwa*, *ukwa* ou *mumbondelo*, encontrados em várias línguas bantu, expressam uma lógica gramatical distinta e uma visão do mundo profundamente enraizada no saber ancestral. Em contrapartida, o termo *imbondeiro* resulta de apagamento cultural e adaptação morfológica ao português, contribuindo para a deturpação do pensamento africano. Ao destacar a diferença entre *mukwa* (árvore) e *makwa* (fruto), o autor critica a simplificação imposta pelo uso comum em português “sumo de mucua” e propõe a revalorização das estruturas semânticas originais das línguas bantu. A árvore *mukwa* é apresentada como metáfora viva da identidade africana — símbolo de resiliência, memória coletiva e sabedoria ancestral. Provérbios nyaneka e expressões orais reforçam o papel da árvore como centro espiritual e pedagógico nas comunidades locais. Nomear corretamente é, assim, um ato de resistência cultural e compromisso com a verdade epistemológica africana.

PALAVRAS-CHAVE

Mukwa; Identidade africana; Etnolinguística; Simbologia bantu; Imbondeiro.

 Professor de Línguas Angolanas e Língua Portuguesa no Magistério de Ondjiva, “Dr. António Agostinho Neto”. Licenciado em Ensino do Português e Línguas Angolanas, é formador de línguas angolanas e investigador independente na área das línguas bantu, dedicando-se ao estudo, ensino e valorização do OluNyaneka, Umbundu e Oshikwanyama, com enfoque em fonética, morfologia e estrutura nominal. É membro do Núcleo de Estudo de Línguas e Culturas (NELIC), no Instituto Superior Politécnico Jean Piaget – Benguela. Em 2023, participou na elaboração e tradução de materiais de apoio às línguas angolanas, no âmbito de iniciativas do Ministério da Educação de Angola, contribuindo para o fortalecimento do ensino e da padronização das línguas nacionais no sistema educativo. É autor e coordenador do projecto Glossário Multilíngue (Português–OluNyaneka–Oshikwanyama–Umbundu), voltado à sistematização lexical, terminológica e cultural das línguas angolanas, incluindo a organização de provérbios e terminologias tradicionais. Desenvolve também o projecto de artigo científico intitulado “Mukwa ou Makwa”, centrado na reflexão linguística, etimológica e identitária das línguas angolanas. Prefaciou a obra *Árvore Genealógica da família dos Vakwanjumba/Vakwahepo e Vakwambela*. Seu trabalho visa à preservação, valorização científica e internacionalização das línguas e saberes culturais angolanos, articulando investigação, formação e produção de materiais didácticos.

Mukwa: The Sacred Tree as a Living Metaphor of African Identity (An Ethnolinguistic Contribution to Bantu Symbolism and the Indigenous Names of the Baobab)

ABSTRACT

This article offers an ethnolinguistic reflection on the traditional name of the tree popularly known as the *imbondeiro*, arguing that its original designation in Bantu languages—such as *mukwa* (tree) and *makwa* (fruit)—was distorted through colonial contact and grapho-phonological interference of Portuguese. The study aims to recover the authentic naming of this sacred tree in Angola's national languages, valuing its symbolic, spiritual, and identity-based significance. Linguistic and historical analysis reveals that names such as *mbondo*, *omukwa*, *ukwa*, or *mumbondelo*, found in various Bantu languages, reflect a distinct grammatical logic and a worldview rooted in ancestral knowledge. In contrast, the term *imbondeiro* represents cultural erasure and morphological adaptation to Portuguese, misrepresenting African thought. Highlighting the distinction between *mukwa* (tree) and *makwa* (fruit), the author critiques simplifications in Portuguese usage “sumo de mucua” and calls for the revaluation of original semantic structures. The *mukwa* tree is thus presented as a living metaphor of African identity — a symbolizing resilience, collective memory, and ancestral wisdom. Nyaneka proverbs and oral expressions affirm the tree's role as a spiritual and pedagogical center. Proper naming is framed as an act of cultural resistance and commitment to African epistemological truth.

KEYWORDS

Mukwa; Bantu languages; Ethnolinguistics; African identity; Cultural resistance.

Omukwa: omuti ukola ukehi ngoheteko yocipuka cin'omwenyo conkalo covituwa vyovaafilika (Eyawiso limwe lyomalaka lyondimbukiso yovantu ngwe nomanduko opocoto atundilila omukwa)

ETETONTIMBU

Etikula eli lyeeta ehinangelo lyomalaka litola omuti wiwikwe nenyina *imbondeiro*, okuti enduko lyaco lyocili momalaka etu ocilongo — utiwa *omukwa* (omuti) ngwe *omakwa* (ocinyango) — enyina eli lyapongohonwa eci kaputu eya ngwe nomucisonekwa nomucitumbulwa moputu. Ondongeso ei itulekesa omu mutumbulwa enyina lyaco lyocilicili womuti ou ukola momolaka etu omoAngola, nokuhivaika esilivilo lyao nomu wiwikilwe. Mokuhita kohi yomalaka nomahipululo, camoneka okuti omanyina ngaa *mbondo*, *omukwa*, *ukwa hamwe mumbondelo*, avaswa momanyina omanyangi omoAfilika, atola cina cavyukilila, caswapo celikalela ngwe cimoneka oku catundilila komalilongeso ovakulu vetu. Camoneka okuti, enyina *imbondeiro* lyamoneka mweeci ovituwa vyetu vili nokunyima ngwe neci tuli nokwiika okutola onondaka mboputu, aco ceeta okuyapuka monondunge mbetu mbovafilika.

Mokulombolola eliyapuko *mukwa* (omuti) *makwa* (ocinyango), omuhoneki upula hamwe uhita koi mweci ovanu veli nokukuluminywa okutola enyina lyoputu “sumo de mucua”ngwe ulekesa esilivilo nelomboloko lyocili comalaka omoAfilika. Omuti womukwa ulekeswa ngomuhe ulekesa ocikumba comoAfilika ondimbukiso yava vahakondoka konyima, velikwata ocipandi nokulandula onondunge mbovakulu vokohale. Omihe vyovanyaneka nonondaka mbutolwako mbulekesa esilivilo lyomuti ngocikoto compepo momalilongeso oulongo. Okuluka cocilicili cilomboloka okupa esilivilo ovituwa ngwe nelikumiyo lyocili lyondongeso mboAfilika.

1.Introdução

As árvores têm sido, desde sempre, símbolos vivos na cosmovisão dos povos bantu. Representando ancestralidade, sabedoria, resistência e ligação com o invisível. O imbondeiro, conhecido por diversos nomes — *mbondo*, *omukwa*, *mukwa*, *ukwa*, — é uma dessas árvores sagradas, associadas a clãs, rituais, protecção e transmissão de conhecimento oral.

O termo imbondeiro, como consolidado no português angolano, carrega marcas de interferência colonial (Ngugi, 1994; Mazrui, 1986). Este artigo propõe o resgate do nome original — *mukwa* — como ato de valorização cultural e afirmação identitária, integrando os seguintes objetivos:

1. Identificar o nome originário da árvore de imbondeiro (*mukwa*), desconstruindo interpretações coloniais e reconstruindo o pensamento autêntico africano;
2. Analisar a interferência grafo-fonológica de origem europeia na forma actual imbondeiro;
3. Promover o uso do nome africano tradicional da árvore na vida prática e no discurso académico.

1.1 Fundamentação: afinal, é imbondeiro, mucua ou ainda mukwa?

Na antiguidade, os clãs totémicos em Angola reuniam-se à sombra de uma árvore de imbondeiro (*omukwa*), onde realizavam rituais e passagens orais de saber. Um dos mais velhos (griote) perguntava a cada jovem:

- *Ove umukwaci?* (De que clã totémico és?)
- *Ame nimukwa Mbela* (Eu pertenço à família das chuvas, os donos da chuva).¹

¹ Isidro Mukunda (jornalista das línguas angolanas), 15 -9-2023, bairro *Kashila* – Kunene. Explicou o surgimento do nome *mukwa*, partindo pelos clãs totémicos.

O termo imbondeiro consolidou-se no português falado em Angola durante o período colonial, constituindo um africanismo incorporado ao léxico do português angolano. A palavra terá origem no Kimbundu mbondo, tendo sofrido um processo de adaptação fonológica e morfológica ao sistema da língua portuguesa. Essa adaptação incluiu, sobretudo, a introdução da vogal protética inicial i-, facilitando a pronúncia no padrão fonológico do português, bem como o acréscimo do sufixo português - eiró, frequentemente utilizado na designação de árvores e plantas. Assim o vocábulo original foi progressivamente aportuguesado, resultando na forma imbondeiro.

Segundo Rui Ramos (2006), o termo deriva do Kimbundu mbondo e foi adaptado ao português angolano através de processos fonológicos e morfológicos característicos do contato entre as línguas bantu e o português. O resultado desse processo foi a naturalização do vocábulo no português de Angola, integrando-se plenamente no uso corrente da língua, embora mantendo a sua origem etimológica bantu

Além disso, é importante distinguir o nome da árvore do seu fruto. Popularmente, é comum dizer-se "sumo de mucua" ou sumo de "imbondeiro", mas essa forma ignora a separação semântica nas línguas bantu. O termo correto para o fruto é makwa (ou eekwa em algumas variantes).

2. Multiplicidade de nomes do imbondeiro nas línguas bantu

A árvore chamada **imbondeiro** exibe diversidade terminológica nas línguas bantu de Angola, tal como mostra o quadro abaixo, refletindo diferenças fonológicas, morfológicas e semânticas que evidenciam pertencimentos étnico-linguísticos e visões de mundo distintas (Kambindangolo, 2020).

Língua	Nome da Árvore	Nome do Fruto
Olunyaneka	Omukwa	ekwa
Oshikwanyama	Omukwa	ekwa
Kimbundu	Mbondo	mukwa
Umbundu	Ukwa	ukwa?
Cokwe	mumbondelo	mukwa
Ngangela	mukwa	mukwa

Kikongo	ntiankondo	bundu ya nkondo
---------	------------	-----------------

Tabela 1: Nomes da árvore imbondeiro nas diferentes línguas angolanas. :²

Nas línguas bantu, o prefixo mu- ou o- indica, geralmente, nomes (substantivos) singulares, enquanto a raiz (-kwa, -kondo) identifica a espécie ou fruto. Para o fruto, é comum a presença de uma vogal inicial (e-), como em ekwa, ou formas derivadas da raiz singular ou plural (Ngugi, 1994).

No português angolano, essa diferenciação é frequentemente ignorada, produzindo uma neutralização semântica que simplifica a distinção original entre árvore e fruto. Ou seja, a neutralização consiste na redução ou desaparecimento de distinções lexicais das línguas bantu durante a adaptação ao português angolano.

3.A interferência grafo-fonológica e distorção toponímica nas línguas bantu de Angola

A grafia de muitos topónimos angolanos foi profundamente influenciada pela adaptação ortográfica ao português durante o período colonial. Esse processo provocou o que se pode designar por interferência grafo-fonológica, isto é, a alteração da correspondência entre grafema (letra) e fonema (som) das línguas bantu.

Nas línguas bantu faladas em Angola, como OluNyaneka, Oshikwanyama e Umbundu, a relação entre grafema e fonema segue padrões próprios. Assim, determinados grafemas possuem valores fonéticos específicos que não coincidem com os da ortografia portuguesa. Por exemplo: os grafemas (mb, nd, ng,), são diferentes a do português (b, d, g). Os fonemas destas línguas são pré-nasalizados. Por exemplo, em olunyaneka, Cokwe e Umbunduo grafema «c» representa frequentemente o som /tch/, /tx/ ou /ty/, (Resolução n.º 3/87 do Conselho de Ministros, de 23 de Maio), Angola. Quando nomes de origem bantu são adaptados à ortografia portuguesa, essa correspondência pode alterar-se, produzindo leituras diferentes da forma original. Assim, topónimos como:

² Testemunhos orais de anciãos ovanyaneka, Cokwe, Fiote e Umbundu, Kwanyama, Nyaneka, Ngangela. (2019)

Forma original bantu	Forma adaptada	Observação
Kunene	Cunene	Alteração fonética causada pela grafia portuguesa
Luvango	Lubango	Adaptação ortográfica colonial
Kwandu	Cuando	Substituição de K por C
Ndongo	Dongo (em alguns registos antigos)	Substituição da consoante pré-nasal Nd por D
Kamati	Camati	Substituição de K por C

Tabela 2. Esta tabela demonstra como pequenas alterações ortográficas podem modificar a leitura fonética e, em alguns casos, afastar o termo do seu significado cultural original.

Assim, fenómenos como este estão ligados a processos históricos de normalização linguística durante a administração colonial e constituem exemplos de apagamento linguístico parcial, nos quais, elementos da identidade linguística locais são gradualmente substituídos por padrões da língua dominante (Mazrui, 1986).

A legislação angolana atual procura corrigir o referido problema. A Lei n.º 14/16, de 12 de Setembro da toponímia, estabelece que topónimos de origem em línguas nacionais devem respeitar a grafia própria dessas línguas, reforçando a necessidade de rigor linguístico na atribuição e preservação dos nomes geográficos.

Quadro comparativo de alguns grafemas nas línguas bantu

Grafema	Valor fonético aproximado	Observação
C	/tch/, /ty/, tx	Usado em várias línguas bantu com valor diferente do português
K	/k/	Muito frequente em topónimos e nomes próprios
Ng	/ŋg/	Consoante nasal comum em línguas bantu
Mb	/mb/	Consoante pré-nasalizada
Nd	/nd/	Consoante pré-nasalizada
Nj	/ndʒ/ ou /nj/	Som próximo de «nj» em português

W	/w/	Semivogal comum
Y	/j/	Semivogal equivalente ao «i» consonântico

T3.

Esta apresenta alguns grafemas da língua olunyaneka sua pronúncia aproximada (Alfabeto de Olunyaneka).

4. Enquadramento na política linguística angolana

A preocupação com a representação escrita das línguas angolanas nacionais está associada às políticas linguísticas adoptadas após a independência. Deste modo, a Resolução n.º 3/87 do Conselho de Ministros, de 23 de Maio - Angola, aprovou a experimentação dos alfabetos das línguas angolanas, reconhecendo a necessidade de desenvolver sistemas ortográficos adequados às características fonológicas dessas línguas. Esse instrumento constituiu um marco importante no processo de valorização e normalização das línguas bantu, faladas no país. Ao incentivar a elaboração e experimentação de alfabetos, o Estado angolano procurou estabelecer correspondências mais fiéis entre grafemas e fonemas, respeitando a estrutura fonológica própria dessas línguas.

Nesse contexto, alfabetos como os do oluNyaneka, do oshiKwanyama e do Umbundu representam tentativas de sistematização da escrita, permitindo uma representação mais adequada dos seus sons. A análise dessas correspondências ajuda a compreender porque certas adaptações ortográficas introduzidas durante o período colonial produziram distorções na grafia de palavras e topónimos de origem bantu.

Assim, a interferência grafo-fonológica observada em diversos nomes geográficos e elementos lexicais deve ser analisada à luz desse processo histórico de normalização linguística. A existência de alfabetos oficialmente experimentados demonstra que a grafia das línguas angolanas deve respeitar as suas regras fonológicas próprias, evitando adaptações que alterem a pronúncia ou o significado original dos termos.

5. A importância de revalorizar os nomes africanos

A recuperação do termo **mukwa** (ou variantes como omukwa), é um acto de preservação cultural. Nomear o fruto corretamente como makwa ou ekwa,

em vez de mucua, restabelece a lógica gramatical africana e a distinção entre árvore e fruto (Kambindangolo, 2020).

Nomear corretamente é também um gesto epistemológico e político, reconhecendo a existência e identidade dos elementos naturais e culturais, reforçando a consciência da herança linguística africana. Deus chamou Adão para dar nomes aos seres, porque os conhecia bem³

Nesse sentido, o uso popular de expressões como "sumo de mucua" deve ser revisto com base na estrutura linguística original. A forma da expressão coerente com as línguas bantu é: "**sumo de makwa**", dado que *mukwa* se refere à árvore, e *makwa* (ou *ekwa*) ao fruto. Essa distinção deve ocorrer em contextos educativos, culturais e acadêmicos, promovendo coerência linguística e valorização identitária.

6. Mukwa: metáfora viva da identidade africana

A árvore mukwa, além de sua função ecológica, representa resistência, ancestralidade e força cultural. Suas raízes profundas representam a firmeza do pensamento africano, enraizado na terra, na oralidade, nos valores comunitários.

Assim como *mukwa* permanece em pé apesar das tempestades do tempo, o pensamento africano também resiste aos ventos da colonização, mantendo a sua vitalidade e firmeza.

Provérbios ovanyaneka ilustram esta filosofia:

"Pompupo pakala vomatwi, ponompela pakala vonondunge." (Numa correnteza d'água é preciso atenção para melhor ouvir uma informação; num julgamento, é necessário ponderar para decidir.)

Esse provérbio, profundamente filosófico, convida à escuta atenta, à reflexão e justiça – valores também simbolizados por *mukwa*.

Assim como a árvore que observa silenciosamente, abriga, alimenta e guarda histórias, a cultura bantu também exige escuta sensível e julgamento ético, para ser compreendida em sua plenitude.

³ No livro do **Gênesis: 2- 19-20**, o Senhor Deus deu a Adão poder de nomear todos os animais da terra e assim fê-lo.

Os provérbios, na cultura bantu, carregam uma didática sapiencial viva, actuante, cuja função é externar de forma simbólica às grandes lições da vida. E assim também dizem:

“Okamuti kayembayemba nofela kakenakuteka.”

(A árvore que obedece ao vento dificilmente parte.)

Este provérbio revela uma filosofia de resiliência adaptativa: a árvore que se curva ao vento não se parte - assim como a cultura africana que, mesmo sob pressão externa, flexibiliza-se sem se romper. A mukwa simboliza esta inteligência ancestral: firmeza nas raízes, flexibilidade no tronco.

Em suma, os provérbios referidos acima transmitem resiliência adaptativa: a cultura africana, como a mukwa, pode flexibilizar-se perante pressões externas sem perder a integridade. A árvore simboliza **inteligência ancestral, firmeza e flexibilidade**, reforçando a importância da preservação linguística e simbólica.

Considerações finais

A árvore mukwa transcende a dimensão botânica, sendo um símbolo da resistência, sabedoria e identidade dos povos bantu. O uso de termos portugueses como imbondeiro ou mucua evidencia processos de interferência linguística e apagamento cultural, mas também revela a resiliência das tradições africanas.

Resgatar a terminologia original — distinguindo mukwa (árvore) de makwa (fruto) — constitui afirmação cultural e linguística, respeitando a lógica gramatical bantu e a herança oral que molda identidades e memórias coletivas. Nomear corretamente é gesto de resistência cultural, reconhecimento epistemológico e preservação da memória coletiva.

Este estudo representa um passo na caminhada pela revalorização das raízes linguísticas e culturais africanas, reforçando a relação entre língua, identidade e simbolismo ancestral.

Referências

- Mazrui, A. (1986). *The Africans: A triple heritage*. BBC Publications.
- Ngugi wa Thiong'o. (1994). *Decolonising the mind: The politics of language in African literature*. East African Educational Publishers.

EcoAngola. (2025, 22 de julho). Disponível em <https://ecoangola.com>

Muzangala. (2025, 21 de julho). Os benefícios da mucua e do imbo. Disponível em <https://muzangala.ao>

InfoEscola. (2025, 20 de julho). O baobá, também chamado de imbondeiro, embondeiro ou calabaceira: importância da árvore. Disponível em <https://www.infoescola.com>

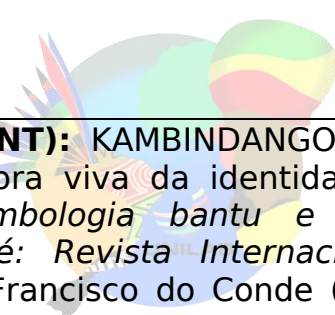
Kambindangolo, E. (2020, 20 de Maio). Entrevista pessoal. Bairro Mapunda, Huíla, Angola.

Testemunhos orais de anciãos ovanyaneka, Cokwe, Fiote e Umbundu. (2019-2024).

Arquivo pessoal de Adilson Kambindangolo.

Recebido em: 14/02/2026

Aceito em: 04/08/2026



Para citar este texto (ABNT): KAMBINDANGOLO, Adilson K. P. Mukwa: A árvore sagrada como metáfora viva da identidade africana (*Um contributo etnolinguístico sobre a simbologia bantu e os nomes originários do imbondeiro*). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 1, p.130-139, jan./jun 2026.

Para citar este texto (APA): Kambindangolo, Adilson K. P. (jan./jun.2026). Mukwa: A árvore sagrada como metáfora viva da identidade africana (Um contributo etnolinguístico sobre a simbologia bantu e os nomes originários do imbondeiro). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (1): 130-139.